

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 9

FORTALEZA, 15 DE MAIO DE 1887.

## SUMMARIO

Origem da palavra «Aquiraz»—PAULINO NOGUEIRA.  
A mãe louca—ANTONIO SALLES;  
O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO;  
Aqui—BRUNO JACY;  
Pobre Moysés que o não foste!—OLIVEIRA PAIVA;  
Nobre—JOSE OLYMPIO;  
Brincar com cinza—F. CLOTILDE;  
Mariposa—J. D.;  
Quinze dias—J. L.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . . 28000  
Semestre . . . . . 48000  
Anno . . . . . 88000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . . 58000  
Anno . . . . . 108000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

### Origem da palavra «Aquiraz»

O conselheiro Araripe, na sua *Historia do Ceará*, pag. 110, dá a palavra *Aquiraz* por nome de uma antiga villa de Portugal, e é esta a versão commun.

Penso, porem, que é puramente indigena, já profundamente adulterado, o nome da primeira capital do Ceará.

Si assim não fosse, devera constar do *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, e do *Diccionario Geographico*, tambem de Portugal, de Paulo Perostello da Cama-

ra; e de ambos nada consta.

Por outro lado, si ainda assim não fosse, a *Aquiraz* deveria ter precedido um nome indigena, como acontece com todos os logares d provincia; e ainda nada consta a este respeito.

Ao contrario, folheando-se os antigos registros da Camara municipal do Aquiraz, encontra-se nelles, repetidas vezes,—*Aquiraz, Akiras, Akirazes*—gentio desta terra. Ora, não é provavel que, para o gentio da terra os colonos fossem buscar o nome de uma villa europea, sendo antes certo que geralmente a denominação das tibus indigenas era aceita e não imposta pelos mesmos colonos. Estes applicavam aos selvagens os nomes que ouviam elles dar a si ou aos outros só por factos muito singulares os povoadores civilizados do lugar tiravam nomes para os indios, como succedeu com os *botocudos, canoeiros, cavalleiros* e outros, os quaes tinham aliás suas denominações proprias, conhecidas no seu idioma, como *purús, payaguís, guay-curús* etc.

Mas o que acaba de tirar toda duvida é a seguinte nota em latim do padre John Breiver no jornal allemão *Christoph Gottlieb Von Murr, Journal Zur Kunstgeschichite allegemeinen Litter tur.* parte XVII pag. 273—274, impresso em Niemberg em 1789:

«Notandum in oppido hujus Capitanie principali-4-

*goaikirá-dicto (Lusitani corruptè vocant- Iquiras vel : kiraz) et ejus vicinia pluviam communiter incipere «d solis occasum et durare usque ad meridiem sequentis diei.»*

Traducção:—«Deve-se notar que na principal cidade desta Capitania, chamada *Agoaikirá* (Em portuguez chamam-na por corrupção—*Aquiraz* ou *Akiraz*), não só nas vizinhanças desta a chuva principia communmente ao pôr do sol, como tambem dura até ao meio dia do dia seguinte.»

Vê-se d'aqui que *Agoaikirá* ainda não é a palavra primitivamente indigena; esta devia ser *Igikirá*, de *ig* agoa *iki* pouco, visinho, proximo e *irá* adiante; significando—*agoa pouco adiante*. Depois corrompeu-se em *Agoaikira*, já traduzido para o portuguez o *ig*, como se encontra ainda em muitos vocabulos, por exemplo, em *Aquatú*, orthographia do Pompeu tanto no seu *Dic. Top.* como no seu *Ens. Est.*, Tom. 1.º, pag. 37, o que é corruptella de *ig-cati* agoa b a ou potavel, nome de uma das maiores lagoas da Provincia. A lei provincial n.º 2035 de 20 de Outubro de 1883 mudou a denominação da antiga cidade da Telha para de *Iquatú* forma hybrida e extravagante.

A etimologia e significação da palavra *Aquiraz* são naturaes. A villa está situada sobre uma colina; banhada pelo rio Pacoty. O indigena

que ahí chegasse, diria naturalmente—*ig-iki yrá, aguai-kira, akirás, ou aquiraz*, como actualmente se escreve; isto é, *agoa pouco adiante*.

Resta-me somente uma só objecção para refutar e concluir.

O Marquez de Pombal, receioso de que, pelo importancia que ia tomando na colonia a lingua tupy, viesse a ser prejudicada a portugueza, entre outras medidas tomou a de ordenar ao governador de Pernambuco, por Carta Regia de 14 de Setembro de 1758, que elevasse a categoria de villas com os nomes de lugares da metropole, as aldeas, fundadas por jesuitas, que contassem, cada uma, de 50 fogos para cima; pelo que aquelle governador baixou ao Capitão-mór da Capitania do Ceará, a Ordem de 6 de Agosto de 1763, em virtude da qual passou Porangaba a Aronches, Caucaia a Soure, Paupina á Mecejana, Baturité a Monte-mór o Novo da America, Caiçara a Sobral, Cariri a Crato Macaboqueiro a Granja, etc.

Porque, perguntar-se-á, a cepção com *Aquiraz*, aliás antiga capital da Capitania?

Não houve excepção, mas simplesmente fiel cumprimento de ordens superiores, que não podiam retrotrahir á uma villa creada desde o começo do século; do mesmo modo que tambem não ponde retrotrahir

*Ceará*, antiquissima denominação da Capitania e depois Provincia, antes *Paiz do Jaguaribe*.

PAULINO NOGUEIRA.

### A MÃE LOUCA

Traz suspensa da marna dessecada  
Uma creança anemica, franzina,  
Que rouba com a bocca pequenina  
À vida á pobre mãe alienada.

Nunca bateu na pallida menina,  
A quem, com uma ternura sublimada,  
Cantarolando meigamente, nina,  
Quando ella se estorcega esfomeada.

No insondavel cahos d'essa loucura  
Ha uma lucidez perenne e pura,  
Que resiste ao simoun da inconsciencia:

E' que o amor maternal é imperecível  
E o coração um facho inextinguível  
Na tenebrosa noute da existencia.

ANTONIO SALLES.

## O papel da poesia

L'inspiration, le je  
ne sais quoi, ce qui va  
à l'idée et qui frappe  
l'âme, sont des mots  
écrits en caractères  
noirs sur des nuages  
bleus.

PROUDHON.

(Conclusão)

Lange estabeleceu o seguinte: «O universo tal como nós o comprehendemos n'uma concepção puramente conforme a sciencia da natureza, não nos pôde inflamar mais do que uma Iliada que se soletrasse. Si ao contra in tomamos o todo como unidade, fazemos pelo acto da synthese entrar nosso proprio ser no objecto, do mesmo modo que introduzimos a harmonia n'uma paisagem quando a contemplamos, por mais numerosas que sejam as discordancias que se possam occultar nos detalhes. Toda a vista de conjuncto está submergida a principios estheticos e cada passo que leva para o todo é um passo que leva para o idéal.»

Ora, o resultado d'esta operação que leva para o todo é justamente o que constitue a philosophia. O fim porem a que se propõe praticamente a philosophia é um outro. Sabe-se que a philosophia é a representação intellectual do universal, o resultado de uma synthese universal no dominio do conhecimento. E, como já tivemos occasião de dizer em uma outra parte, é somente ahí que o homem elevando-se ao conhecimento das altas questões que envolvem a totalidade das cousas e estudando os mysterios profundos da nossa organização, poderá elevar-se á comprehensão do nosso destino

moral, trabalhando assim para a realisação do bem no seio da humanidade.

Tal é o resultado do espirito philosophico do homem e fica deste modo realisada uma das faces do bello.

Acontece, porem, que em face do espectáculo doloroso da vida, vindo por toda a parte o mesmo quadro invariavel da lucta e do soffrimento, isto em todos os seres da natureza, o homem em virtude de tendencias que têm a mesma origem nas profundezas do ser, é levado a occultar na harmonia do todo, as imperfeições parciaes, elevando-se assim á comprehensão de uma regeneração e confundindo em um só fim os destinos da humanidade e do mundo, e em uma só idéa o bem e o bello.

Tal é o resultado do espirito poetico do homem e tal é o dominio da poesia.

Quanto á verdade fica reservada para a sciencia.

Em resumo: o fim da sciencia é a verdade, o fim da philosophia é o bem, o fim da poesia é o bello. E é de uma fusão harmoniosa d'estas tres manifestações fundamentaes; do espirito que hade nascer o principio da regeneração do futuro.

Dê-se agora a palavra a Homero:

“Um arauto apresenta uma lyra magnifica a Phemios que por estrangimento encanta por seus hymnos os amantes de Penelope e que faz retinirem as cordas sonoras para acompanhar os seus accentos divinos.”

Depois, apresenta-se “a mais nobre das mulheres.” Phemios celebra a desgraça dos heróes de Ilion quando ella apparece. E ella “cubriendo então o seu rosto de um véo deslumbrante”:

“Phemios, diz, tu sabes tudo o que encanta os ouvidos dos homens, tu sabes os trabalhos dos mortaes e dos deuses que se comprazem em celebrar os poetas. Faz, pois, ouvir outros cantos. Deixa este assumpto lugubre que sempre em meu seio me fere o coração; um luto immenso desceu sobre mim, tanto eu sinto a ausência d'aquelle cuja memoria não posso esquecer, esse heróe cuja fama espalhou-se na Hellada inteira e ate no centro da Argolida.”

Penelope sentia, pois, uma grande dor ouvindo os cantos de Phemios; mas a razão d'isto é que ella se elevava por esses cantos á contemplação da felicidade, e sonhando com o heróe a quem ama e de quem a separava o infortunio, estremejava a realidade. Então cubria o seu rosto e desmanchava-se em pranto.

Tem-se ahí, pois, uma confirma-

ção das nossas idéas sobre a natureza da poesia. Homero, o mais sublime genio da antiguidade, o poeta que mais profundamente mostrou o coração humano, faz da poesia uma especie de revelação do futuro, ou melhor, uma especie de elevação para o bem. E' assim que diz do poeta:

«A musa o ama mais que a todos os mortaes e lhe fez conhecer o bem e o mal.»

Ora, a poesia não é outra coisa senão a concentração de todas as forças d'alma para a consecução do predomínio do bem; é, pois, uma aspiração para o melhoramento, um esforço do espirito para elevar-se do circulo estreito e pânico da realidade à concepção harmoniosa do ideal.

Tambem os antigos em geral representam o poeta como um propheta revelado contra as misérias da vida e perdido na contemplação do insondavel, em busca de uma verdade que não é deste mundo. D'ahi a confusão geral que se nota entre a poesia e a religião nas sociedades primitivas. «A biblia é cheia de poesia, Homero é cheio de religião», disse-o M.<sup>o</sup> de Stail. E' que a biblia e os poemas de Homero nasceram das mesmas necessidades do espirito. Hoje o ideal deve revestir novas formas. Os deuses morreram e o que caracteriza rigorosamente a poesia moderna é a ausencia do sobrenatural.

Não morreu, porem, o ideal e nem desapareceram as necessidades do espirito; e a poesia terá de sair do seio da civilização contemporanea dehaixo de uma nova forma e cheia de um vigor capaz de quebrar os laços que ligam o espirito à antiguidade e eleva-lo à contemplação de um novo ideal.

«A poesia, diz Lange, no sentido elevado e extenso em que é preciso admittil-a, não pode ser considerada como um jogo, como um capricho engenhoso tendo por fim distrahir por meras invenções; ella é, ao contrario, um fructo necessario do espirito, um fructo sabido das entranhas mesma da especie, a fonte de tudo o que é sagrado e sublime; é um contrapeso efficaz ao pessimismo que nasce de uma estada exclusiva na realidade.»

A poesia é, pois, destinada a exercer uma das mais altas funcções de espirito. Ella é como uma moral esthetica, preludio de moral propriamente dita" é "a verdadeira interpretação da vida segundo pensava Schopenhauer que adopta em relação ao artista este pensamento do Vedas: *Hæ omnes creaturæ in totum ego sum et præ mialind ens nec est*— embora levado pelos principios de uma moral pessimista colloque o ponto culminante da ex-

pressão poetica na tragedia—"esse interprete fiel da dor humana."

Verdade é que o espectáculo de vida é o espectáculo da miséria e da dor, e nada sustende esse long-gemito de que nos falta Quintet e que é nada mais, nada menos que a repercussão das queixas profundas da humanidade através da historia. Todavia o homem tem dentro de si mesmo os elementos de sua regeneração e ha um meio efficaz para elevar nos acima da dor: é a contemplação do ideal. D'ahi a magestade do artista que confunde nestas condições a sua existência com a existencia mesma da humanidade, embora, como pensa Sully-Prudhomme, tenha sempre no grande mestre que traz dentro de si o que não pode igualar, uma causa constante de melancolia incuravel. Resta, porem, o consolo de que pode-se assim obter uma compensação efficaz contra as misérias do mundo, e então não se pode deixar de adoptar esta idéa de Lange: "O olho do amor poetisa; o ardor do coração poetisa, e si se pudesse fazer desaparecer toda essa poesia, é permitido perguntar si a vida ainda encerraria alguma coisa que a tornasse digna de ser vivida."

R. FARIAS BRITTO.



## AQUI

(SULLY-PRUDHOMME)

Aqui vivem os lyrios brevemente,  
Calam-se as aves, q' a trinar adejam;  
Eu sonho primaveras, que verdejam  
Eternamente.

Aqui tocam-se as boccas levemente,  
Nem mesmo deixam seu velludo os  
labios;  
Eu sonho heijos a deixar resabios  
Eternamente.

Aqui choram os homens tristemente  
Amizades e amores, que fugiram;  
Eu sonho pares, que de amor deliram  
Eternamente.

BRUNO JACY.



Pobre Moysés que o  
não foste!

A janella estava aberta ao luar: porém, de uma grande amentocira, que subia quasi apegada aos altos muros da casa cahiam sombras negras fazendo labores immensos no panno do caiamento, e assim, era n'uma grande man-

cha, preta, como uma nuvem de chuva, que a janella emmol-durava-se, adquirindo as pareanças de um remendo quadrilongo, de um tampo de fogo, sobre um panno de trevas. Uma cabeceinha loira despontou do ambiente luminoso, e rapidamente fechou-se. Ficou tudo no escuro cá fóra, a não ser a face dos corpos onde batia o luar. O murraurejo das ondas resoava como a escoar pelo chão

O regato achatava-se morno e quasi invisivel sob rijos golpes de sombra. Um corpo alvo se encaminhava por elle acima, e ouvia-se o chape-chape dos pés.

A intervallos, o corpo resplendia de luar.

Ao depois, a janella abriu uma greta, como uma larga fita de fogo, e a fita fez-se mais larga, e em seguida a modos que rasgou-se e desapareceu. Ficou tudo no escuro outra vez, a não ser a face dos corpos onde batia o luar.

\*  
\*  
\*

No dia seguinte, a noite estava zangada. A lua, que hontem era a princeza de pésinhos pequenos, hoje era a Maria Borradeira; tudo era cinza no seio do luar; nem as lindas sombras negras, e nem os coloramentos magicos porejando encantos de poesia e saudosa tristeza. O céu queria chover, o céu queria chorar, o céu não queria mais proteger a virgem que lhe confidenciára na janella aberta.

Virgem! ?

Pois quem é que não conhece na villa o velho Antoino Pharaó? E' aquelle que habita no sitio cheio de canaviaes. Elle é o senhor da mulher loira que appareceu na janella. E' um homem sem

macula. Jesus, então, porque é que a janella não se tornou a abrir? Pois aquillo não era a alegria dos raios da lua e a predilecção das sombras da amendoeira? A amendoeira? cortaram-n'a!

E quem era aquelle que subia o corrente fazendo chape-chape? Elle amava muito a mulher loira. Um dia ella disse-lhe:—Quando vires a luz na minha janella, sóbe a amendoeira, e apegate ao lençol que penderá da sacada.

E elle viera: mas, quando tornou a desaparecer no corrente, fazendo chape-chape, jurou a si que alli não voltava mais. « Tu me enganaste! dissera elle ao despedir-se d'ella. — Meu pae só planta em roçado uovo. A capoeira é para se dar aos cavallos.

« Não comprehendo— respondera-lhe a amante. — E logo desatou a chorar.

O homem tinha o coração de fogo, porém a decepção apagou. E ficou de gelo. Assim para nunca mais desapareceu no corrente fazendo chape-chape.

O velho Antonio Pharaó quasi endoideceu. A mulher loira botou-se a elle como uma fêra e disse-lhe:

—Desgraçado!

E calou-se. Não disse mais, porque estava toda cheia desde o cerebro até ao ventre. Cahi para traz, e pediu veneno, a elle—que pelo amor de Deus matasse-a! Mas, neste ponto, ajoelhou-se, poz as mãos, e pediu-lhe cheia de lagrimas que a deixasse viva, porque, santo Deus, no seu corpo de mulher palpitavam dous corações vivendo um da vida do outro.

Comtudo, era tremendo e feroz o olhar que ella flechava para o p e de seu filho. E

achava horrivel a idéa d'elle, a de ter aberto a janella para a entrevista de um inexperiente mancebo, com o fim de salvar a honra.

« E então? blasphemara o velho, chacoteando, a remexer n'um sacco de dinheiro—Por ventura José não é o pai de Jesus?...»

Hediondo!

\* \*

E os mezes corriam, bem como as aguas do riacho. Uma vez, vinha rompendo a aurora, e foi a primeira vez que a janella se abriu, desde que o mancebo veio e foi para nunca mais. Foi tambem a primeira vez que a mulher loira sorriu, desde aquella scena com o Antonio Pharaó. Agora ella podia morrer, porque os dous corações que palpitavam no mesino corpo se tinham separado: O seu filhinho nascera! E foi por isso que o sorriso da mocidade reabriu-lhe os labios seccos de martyr.

Mas era preciso salvar se a honra de Antonio Pharaó. A mulher loira desmaiara n'um frouxo de sangue. Nesse interim, desapareceu o seu filho. Ella accorda, ergue-se pallida, grita por elle, e, acima de suas forças, corre á janella d'onde sentia-se cheio o resicher da aurora, se debruça, estira o pesçoço, afflicto...

Nas praias do riacho cavava um homem, com a ponta de um facão, uma covinha onde se poderia sepultar um botão de rosa.

\* \*

Com as suas praias lavadas, o riacho parecia um poço comprido e interminavel, manso, com uma correnteza que lhe esflorava apenas, e umas tremulações de quando um liquido quer abrir a fervura; de

modo que as ondulações eram antes effeito de um ventosinho que ameaçava engrossar. As aguas, em si, apparentavam uma quietitude, uma pachorra admiraveis.

O lugar, onde o homem cavara a covinha, era sob o docel de um bananedo. O sol, no limbo de uma larga folha de tinhorão, avivava transparencias, desenhava-lhe veias como em fina cutis de moça, e projectava sombrasinhas, que o vento movia tremendo, para o pequeno como ro que entupira a covinha onde sepultar-se-ia um botão de rosa.

Por cima do bosque o dia empoeirava deslumbramentos sem par. As flores se destacavam nas polpas enormes da folhagem, e pareciam rir de innocencia.

Mais tarde cahiu a chuva e o riacho encheu, subiu, trepou, até as moitas do bananedo. Agora, moirejava nas areias do leito a acção de uma volumosa corrente, improvisando comoros e os desfazendo.

Nos tapumes, ao passar entre as estacas, a agua se abria como dedos, a espumar e a marulhar. Escavava canaes, espraiava, e revolvia-se no polme do enchurro. A superficie liquida não era mais uma casquinha de espelho que em seu seio recebia um paraizo ideal pintado para debaixo do chão a golpes de sol e de claridade.

O turbilhão montava. E parecia um rio de lama, chicoteado pelos cordõesinhos da chuva. Cahia sobre a natureza uma zoadá infernal.

\* \*

O sol, pé ante pé, resgando uma brechinha entre as altas nuvens de repouzo, fura-

va pelo docel do bananado e descia até ao logar do comoro que encobria a covinha onde poder-se-ia sepultar um botão de rosa. « Nada. Aqui não está coisa alguma. » O sol fallava consigo mesmo, gesticulando como um espião, na pontinha dos pés, com um olhar tão vivo que abria transparencias no limbo das grandes folhas. Foi adiante.

O riacho tomara juízo, recolhendo-se ao seu leito modesto e voltando á pacatez de bom collega. Recebeu o sol com todas as cortezias. Accendeu robrilhamentos á tonna. encheu-se de imagens que pareciam um paraíso debaixo do chão, mostrou que tamanhamente amava aos seus amigos a pontos de conservar dentro de si o retrato vivo do bananado, e dos tinhorões verdes e purpuros, e das touceiras de borboletas, de tudo e de todos, até do proprio céu que bem alto mora

Porém ambos se retrahiram quando avistaram, passando o caule de coqueiro cahido que servia de ponte, a mulher loira que habitou a janella do castanheiro cortado. A imagem cahia de aguas ao fundo com a cabeça para baixo. Aqui o sol accendeu-se mais, afim de que o riacho gosasse da apparição, e pintasse grandes segredos e fartasse o peito n'ella toda. Ella passou e foi direitinha ao logar onde vira o homem cavando com um facão uma covinha onde poder-se-ia sepultar um botão de rosa. E deu um grito, e bugalhou os olhos, e cahiu de joelhos, mãos postas para o céu:

Ab! Ella olha para cima, o seu olhar se parece commigo, os seus cabellos são meus irmãos. Implora para cima, e manda seu

eu — disse o sol, encandecendo raios de alegria

— O que ella quer sei eu, que vi tudo—respondeu o riacho.—E cochichou com o sol, que se estendia sobre elle n'um amplexo doirado

Vamos, protejamos a pobre mãe!

— Mas olha, não vês tu aquelle sujeito que atravessa a ponte e segue os mesmos passos da mulher loira?

— Que importa! Protejamos a pobre mãe! Ella é a judia captiva, tu és o Nilo, e eu sou o grande Deus dos opprimidos! Anda! Revolve-te!

\*  
\*  
\*

Sobre a agua estendiam-se natas de claridade tremula ao fremôr da corrente. Folhas maduras do bananado e tudo o mais de ao redor, como que era chupado para o fundo, em perspectiva. E as aguas em commoção pareciam de bronze doirado, pareciam de seda furtiva entre verde e côr de fogo. E esse manto a modos que se ia rasgando. O zéphirosoprava embalamientos doces na folhagem. O sol tremia paternalmente. E n'um grande riso de luz e de marulhos, o riacho apresentou ao sol, de repente, no chamalote encantador das aguas, o corpo encantador de um cupidosinho de espumas.

A mulher soltou um grito alegremente desvairado e saltou para as aguas. Porém não ponde. O homem que armado de um facão abrira a covinha onde poder-se-ia sepultar como um botão de rosa o cupidosinho encantador de uma croança morta, estava ali, e agarrou-a.

Ella ficou esbugalhando um olhar de pedra para a tumidez das aguas. Elle tambem olhava assim

E a corrente lhes parecia membrana viva de um animal, a modos que o lombo chato de uma cobra que não acabava de passar, de uma cobra insinuante, fascinadora, que hipnotisa.

Assim, deslisava o riacho por entre a vegetação, como uma serpe. E ali, estava a mulher loira tolhida pelo homem do facão, semelhante a um jacaré sob as garras de uma onça.

E o cupidosinho foi, foi, foi, e sumiu-se nas aguas onde quando a gente andava fazia chape-chape.

OLIVEIRA PAIVA.

## NOBRE

A' W. CAVALCANTE

En vi a pobresinha, a misera esfriada  
Tiritando de frio, sentada na calçada  
Da casa d'um senhor visconde milionario,  
Que diziam ser mau, ruim, e usurario.  
Havia festa alli. E a flor do grand-monde  
Achava-se reunida em casa do visconde,  
E os convivas banas, repletos de alegria,  
Brindavam-lhea tilhinha, uma anjo  
Que era o mimo o bijou, o tudo de seu pae  
Neste momento ouviu-se um prolongado ai l..  
De subito o visconde ergueu-se lustrioso,  
Colerico, brutal, estúpido, orgulhoso,  
E disse ao seu lacain: Olá, vae deitar fora  
Esse importuno vil, que se atreveu agora  
A nos interromper quando é melhor a festa.  
Mas a querida filha osculando-lhe a festa  
Murmurou-lhea ao ouvido: « Oh! pai,  
Manda dar uma esmola, um pão, isto  
E tu não és visconde? »  
(antes a pobre  
(è mais nobre..(repente,

E logo incontinenti  
O fidalgo acalmou. E a um gesto, de repente,

O laçaino descendo a larga escadaria.  
Foi precipitado ver quem era q' gemia.  
E viu a pobresinha, a misera esfai-  
(mada,  
Tiritando de frio, sentada na calçada.

## II

Olá !... disse o laçaino: Essa criança  
(é linda !  
É linda de encantar, e como é nova  
(ainda !  
Pobre, infeliz, pedindo esmolas pe-  
(la rua !...  
É triste ser-se moça e ter sorte tão  
(rua !...  
E aproximou-se mais e mais da po-  
(bresinha,  
Entregando-lhe um pão, lhe segre-  
(dou : «Loirinha  
Como se tem um rosto assim tão fei-  
(ticeiro  
E anda-se a pedir esmola um dia  
(inteiro,  
Quando podes ganhar, querendo, num  
(instante  
Com que possas viver Basta ser mi-  
(nha amante.  
Folgada, honradamente, invejada e  
(querida.  
E, fallando o vilão, n'uma acção a-  
(trevida  
Quiz, torpe, machucar-lhe os seios  
(virginaes.  
Ella, porem, recuando um passo pa-  
(ra traz,  
Arremessou-lhe ao rosto o pão, de-  
(pois s'erueu  
E caminhou... mas aí ! Alem cahiu,  
(morreu  
Morreu de fome e frio a trista coita-  
(dinha !...  
Era nobre de mais ! Faminta a po-  
(bresinha,  
Preferiu succumbir de miseria e de  
(fome  
A nos torpes hordéis vir inscrever  
(seu nome!...

JOSE' OLYMPIO.

### Brincar com cinza.

O acaso collocou-os de novo  
em face um do outro, depois  
de cinco annos de separação.

Elles se tinham amado ar-  
dentemente durante alguns  
mezes e vivido isolados do  
mundo, embebidos em sua felici-  
dade ; mas um dia olharam-  
se indifferentes e quebraram  
aquellas doces relações.

Porque esse rompimento ?  
Não eram felizes ? Não se ti-  
nham jurado tantas vezes um

amor eterno ? Ha cousas que  
não se explicam.

Elle foi viajar. Ella atirou-  
se ao turbilhão do mundo á  
vida de festas, sequiosa de lu-  
xo, de adorações.

E nem ao menos uma recor-  
dação, uma saudade !

\*\*\*

Custaram a conhecer-se.  
Ambos tinham mudado mui-  
to durante a ausencia.

Elle não se cansava de con-  
templal-a, admirado de vel-a  
tão formosa.

Ella atropellava-o com per-  
guntas. Indagava os logares  
por onde andára, o que tinha  
visto de mais interessante,  
quaes as impressões que senti-  
ra na viagem.

Uma suave intimidade re-  
nascia entre elles. Pareciam  
irmãos que se interrogassem  
depois de uma longa e penosa  
ausencia.

Acceitas o meu braço ?

— E onde me levas ?

— Vamos almoçar.

Ella acompanhou-o sem con-  
strangimento, risonha, quasi  
feliz de o tornar a ver.

Achava-o tambem mais for-  
moso. O vestuario elegante  
dava-lhe um certo ar de no-  
breza e distincção. Tinha ad-  
quirido melhores maneiras,  
sua conversação se tornara va-  
riada e agradavel ate mesmo  
o olhar tornara uma nova ex-  
pressão.

Falava-lhe dos logares que  
tinha percorrido, das magni-  
ficas paysagens que apreciára,  
dos costumes estrangeiros que  
notara com uma graça e vo-  
lubilidade encantadoras.

Chegando ao hotel pediram  
almoço.

Sentiam um bom humor ad-  
miravel.

Nunca no tempo em que  
viviam juntos haviam passado  
tão deliciosa manhã.

Falaram do passado.

Recordaram a primeira vez  
que se tinham visto

Nesse dia ella trajava um  
vestido cor de rosa que lhe  
empallescencia ligeiramente as  
faces suavizando-lhe a belle-  
za. Trazia um chapelinho de  
plumas brancas e fulgava des-  
cuidosa como uma criança  
travessa, ao lado de uma ami-  
ga da sua idade.

Relembrou as cousas mais  
insignificantes, as puerilida-  
des mais graciosas. A memo-  
ria lhes reavivava scenas que  
pareciam já esquecidas.

Achavam um certo encanto  
em revolver as cinzas d'aquel-  
le passado que para elles se  
tinha esvaído como sonho.

Falaram de uma noite de  
theatro, em que ella, despei-  
tada e ciosa porque elle tinha  
assestado o binoculo para uma  
actriz, se retirara antes de ter-  
minar a peça, e de uma ma-  
nhã de estio, límpida e formo-  
sa, com todos os perfumes das  
flores, com todos os gorgueios  
das aves, em que elles tinham  
divagado atravez dos campos,  
felizes e alegres como noivos  
apaixonados.

Misturaram risos e prantos,  
caricias e desdens, o que hou-  
vera de bom e transparente na  
sua união ao que ella tivera de  
sombrio e máo.

Como as horas voavam ra-  
pidas, levando as ultimas fra-  
grancias dessas flores já mur-  
chas que elles desfolhavam !

E' tão bom fallar-se do pas-  
sado com alguém que nos com-  
prehenda, e que como nós la-  
mente esse tempo, sem duvida  
o melhor da vida !

\*\*\*

Já lhas era tão doce estar  
juntos n'aquelle intimo con-  
sêgò de outr'ora. larga  
conversação que tido

sobre o passado prendera-os de tal sorte que lhes faltou coragem de separar-se.

Elles se tinham divertido a brincar com as cinzas da fogueira que julgavam extincta e insensivelmente haviam ateadado um incendio.

O passado com todos os seus encantos attrahia-os de novo.

Agora elle fixava os olhos nos della com uma expressão repassada de um sentimento tão forte que a deixava atordada.

Apertando-se mutuamente, tremiam-lhe as mãos, e os labios mal poderam balbuciar uma confissão de amor!

\*\*\*

D'ahi a 8 dias era-lhes impossível separar-se mais.

Pertenciam um ao outro por direitos mais justos, por titulos mais sagrados.

E nos momentos de colloquio intimo em que seus corações se expandiam ao calor do sentimento que os dominava, gostavam de dizer sorrindo-se: «Foi brincando com as cinzas do passado que chegamos a amar-nos devéras.»

F. CLOTILDE.

### Mariposa

Incanta mariposa em torno a luz  
Voeja pela chamma fascinada,  
Até que emfim exanime, crestada  
Caes em meio do fogo que a seduz.

A chamma q' dos olhos teus transtuz  
Tem minh'alma em desejos torturada;  
E si tento fugir mais abrazada  
Me sinto neste amor q' cresce a flux.

Oh! feio os negros olhos seductores!  
Não me queimes nos fervidos ardores  
De uma louca paixão voraz e forte

Receio que minh'alma caia exausta  
Neste abyssmo de luz como a pyrausta  
(Que busca ta o prazer encontra a morte

J. D.

## OS QUINZE DIAS

O imperador não se deu bem em Aguas Claras e voltou á côrte, ao casarão de S. Christovam.

Novos telegrammas, extensos boletins, commentarios de todos os gostos e tamanhos.

Os telegrammas destoam uns dos outros e o, mesmo fio em duas vibrações, conta duas historias inteiramente diversas: que o augusto enfermo voltou aos imperiaes aposcutos da capital, porque melhorou; que o dito augusto recolheu-se á côrte, porque peiorou.

O arame dança conforme lhe tocam: si o recado é transmitido pelos officiaes de gabinete do Sr. Cotegipe o monarcha está em condições satisfactorias; si quem passa o recado são os correspondentes da imprensa diaria são inquietadoras as condições em que se acha o monarcha.

Os boletins é que são uniformemente, ainda que absurdamente, accordes.

Não ha que receiar, affirmam os Esculapios do paço. A molestia é uma febre palustre, de diagnostico e prognostico facil, commum e simples; mas os Hippocrates titulares vão pedindo conferencias medicas ás celebridades extra-palacianas, porque o diagnostico parece mangar com elles e o prognostico tem ares de mudar de direcção.

Não é nada aquillo, simples macacão; porem resiste á influencia benéfica dos ares puros de Aguas-Claras e o Imperador muda-se para os ares de S. Christovam, onde nem são claras as aguas nem puros os ares que tem de arejar o imperial pulmão.

D'ahi os commentarios.

Que o imperador está mal;

que não resiste á enfermidade; que a febre é symptomatica; que a molestia é no figado; que o engorgitamento deste é tambem symptomatico; que S. Magestade tem é diabetes no ultimo periodo; que os rins da coroa fabricam mais assucar do que um engenho central, que.. que sei eu? é tanta coisa e coisa tão contrada o que se diz da enfermidade do poder moderador!...

Não sei si os leitores fazem questão do meu auctorizado parecer e por isso não o deixo aqui para figurar junto ao laudo do emerito professor Torres Homem.

É satisfactorio o estado do Imperador, dizem as noticias officiaes. Pois contentemo-nos com isso, que, em synthese, é a verdade. Si corre risco de morrer, é satisfactoria a espectativa para muita gente, quando mais não seja, pelo espirito de novidade; si triumphar da moléstia é satisfactoria ainda e para mais gente, que prefere isso a morte do velho e illustre principe, pae de familia exemplar e cidadão prestante.

O poder executivo não vae muito bem de sua tosse.

Tendo readquirido sua primitiva integridade, compareceu perante a rhetorica nacional e foi mal recebido, dizem os telegrammas, no ramo temporario; mandou pedir licença ao senado para fazer-lhe sua visita e o senado respondeu que a casa estava ás ordens, que por isso é que o dia amanhecera tão bonito, mas o poder executivo faltou, allegando enxaqueca, dores rheumaticas, unha encravada e outras mazellas, mas nem o senado, nem a imprensa, nem

o Zé-Povinho deu pelo diagnostico e pensa que a tripulação da nao do estado o que tem é espinhela cabida e deve tomar dissolução.... de camaras.

Tudo que não for isso é paliativo prejudicial á saude do governo.

A noticia produziu grande assanhamento nos arraiaes politicos.

É certo que os conservadores não ficaram muito tristes, mas os liberaes ficaram muito alegres. Aquelles chegaram a dizer malcriadamente, cerrando os dentes: Arre diabo!.. Estes estiveram a ponto de deitar luminaria e passeiata e discursos analogos. tamanha é a convicção que tem de que o sr. Cotegipe está resolvido a dar uma lição aos ambiciosos do seu partido, entregando o penacho, quando não poder mais trazel-o firme e teso, aos seus adversarios

Por ora está tudo reduzido á indiferença de uns e á esperanza de outros.

E pode ficar nisso.

Voltou a fazer figura entre os acoutecimentos a fallada questão militar, que o governo diz que não é questão e muita gente pensa que não é militar.

Agora apparece embrulhada em um manifesto de dous agaloados porceres do militarismo, um senador e outro ex-presidente de provincia; um liberal e outro conservador.

O manifesto figura nas columnas d'O Paiz, mas provavelmente vao amanhã ou de-

pois ser redido a discurso no *Polythea na* e d'ahi levado em charoladas galerias da camara dos deputados, onde será recebido com uma salva de estoirantes bombas de eloquencia patriótica e opposicionista.

É não passará disso, o que é bem bom para nós, que de tal arte ficamos livres da sensação que acaba de experimentar

Lisboa, onde uma questão militar do ramo amphibio deu com o ministro da marinha em terra, depois de uma bofetada que lhe atirou certo deputado da opposição.

É má e reinadia a rhetorica metropolitana.

Argumenta-se, disente-se despejam-se aos ouvidos do governo carradas de tropos e de razões e si o governo não se dá por achado o que se lhe despeja ao pé do ouvido é um tapa-olho com todos os cinco dedos de nervosa e rechonchuda mão.

Safa!

O ministro desfeitoado deu immediatamente sua demissão (!) dizem os telegrammas.

Repararam que eu me admirei?

Pois si não repararam digolhes agora que me admirei muito de ter o ministro da marinha d'el-rei despido sua farda de galões e bordaduras só por ter apanhado uma afrontosa tapa, quando aqui nesta colonia, que lhe copiou tantos costumes, a tapa é motivo, quando muito, para fechar a tapa em torno dos que se esbofeteam,

Fecha-fecha e alguns commentarios pelas columnas pagas das folhas diarias.

Muito feliz me julgo de ter podido encher as tiras destinadas a esta secção d'A Quinzena, sem tocar, nem pela rama, no rebarbativo e martellado assumpto *infanticidio*, causa da minha particular implicancia e da ogerisa da policia que passa por ella como gato por brazas, no que faz muito bem, quando mais não seja, ao seu socego e ao engomado de seus colarinhos.

Igualmente perdoado fica o homicidio praticado no domingo ultimo, uma monstruosidade liquidada e julgada *prima facie*.

É tenno concluido a chronica dos quinze dias consignando somente factos politicos, porque não os ha litterarios e porque o meu adorado poeta do D. João o dr. Guerra Junqueiro deu á politica salvo conducto para misturar-se com as lettras.

Excellent a idéa do poeta do Melro; excellente principalmente para nós os chronicistas de folhas litterarias cá destas regiões, que estariamos na tinta si fossemos esperar por acontecimentos litterarios que servissem para encher tiras destinadas a figurar nas chronicas confiadas ás nossas presumidas aptidões chroniqueiras.

Deus dê o céu a quem me deu assumpto.

J. L.